

Editorial

A dieta dos números

Joaquim Humberto Coelho de Oliveira¹

O alimento e a comida não se conjugam no mesmo ato. O alimento sacia a fome e a comida, o paladar. As expressões consideradas tampouco traduzem processos naturalizados. Elas, como categorias culturais, são vestígios das transformações sociais e acumulam valores norteadores de juízos sobre coisas, pessoas e ações morais.

O dilema entre satisfazer as necessidades alimentares e desfrutar dos deleites do paladar acompanha a trajetória da própria noção de gula. Os seus excessos, para Aristóteles, desequilibravam a virtude da temperança. Santo Agostinho, pensador cristão, a amaldiçoava como a entrada para os demais pecados capitais.

Era comum, portanto, no mundo antigo e medieval, prescrições de práticas alimentares com regras ditadas pela dietética, como parte do tratamento médico. As receitas de uma vida saudável incluíam cuidados e atividades preventivos contra os excessos cometidos pela gula.

O esmorecimento da dietética antiga e medieval, entre os séculos XVII e XVIII, coincide com a exaltação de uma gastronomia dedicada à combinação de sabores deliciados pelos prazeres da gula. A alimentação deixa de lado os seus aspectos saudáveis recomendados pela dietética médica para servir às sensações degustativas harmonizadas pelas habilidades de cozinheiros e gastrônomos.²

Os glutões prestigiados pelos refinamentos de uma cozinha voltada ao sabor retornam a ser alvo de preocupação nos dias de hoje. A gula novamente é pauta de preocupações médicas, que com suas dietas e regras alimentares,

¹ Doutor em Filosofia pela PUC/RJ. Professor do PPGHCA/UNIGRANRIO. E-mail: joaquim.humberto@unigranrio.edu.br

² Cf. FLANDRIN, Jean-Louis. Da dietética à gastronomia, ou a liberação da gula. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

voltam a condicionar a alimentação. Práticas de vida sedentárias e maus hábitos alimentares tornam-se assunto de saúde pública.

A inclusão nesta revista do artigo “Prevenir ou remediar? Marketing social e o consumo de alimentos hipercalóricos” reflete essa rearticulação entre alimentação e saúde³. Preocupação exacerbada nas tentativas de mostrar quantitativamente a patologia das sociedades modernas. A estética glutã da obesidade como fortuna de uma boa vida é recoberta por números que alardeiam a disfuncionalidade social dessas práticas alimentares.

Identificados os consumidores de produtos hipercalóricos, a pesquisa adota criteriosa metodologia para verificar o que pode impedi-los de modificar a sua dieta pouco saudável. Essa questão nos faz reencontrar com o dilema proposto nos mitos de Prometeu e Epimeteu. Se o nome Prometeu significa em grego aquele que pensa antes de agir, o do seu irmão, Epimeteu, quer dizer o que age antes de pensar. A razão comanda o planejamento do futuro para Prometeu, e os impulsos prazerosos apreciados no presente governam as ações e escolhas de Epimeteu.

Prometeu não sucumbe ao castigo armado por Zeus, inconformado com a sua traição. Afinal, o semideus furtou o fogo do Olimpo para doá-lo aos humanos. Pandora, irresistível mulher, é oferecida junto com a sua caixa nupcial a Prometeu. Desconfiado do presente divino, ele não vacila em recusá-lo. Já o seu irmão impulsivo sucumbe aos encantos daquela mulher e de pronto aceita o seu presente. Ao abri-lo, ele libera todos os infortúnios que afigirão para sempre a humanidade.

À guisa de moral da história, a sabedoria de Prometeu deve se sobrepor aos apetites incontroláveis de Epimeteu a fim de se prevenir consequências nefastas. No caso da pesquisa, os consumidores deveriam se prevenir contra os efeitos dos alimentos calóricos em vez de remediar suas escolhas. Deveriam, portanto, convencidos pelo marketing social sobre os nocivos efeitos

³ A mesma problemática é observada nos outros dois artigos. Os seus títulos por si já demonstram a relação central entre alimentação e saúde: **Engajamento do consumidor com alimentação saudável e Alimentação saudável e a introdução do self-service na educação infantil em Ourinhos**

desses alimentos, agirem como Prometeu, colocando a razão antes dos seus hábitos prazerosos.

No entanto, confirmando a força mítica de Epimeteu, as mudanças comportamentais esperadas dos consumidores entrevistados esbarram em crenças que não se transformam em atitudes e valores. Eles contrariam Prometeu e agem antes de pensar. Se os mitos já sabiam o que os números e percursos metodológicos informam, a história da alimentação também já registrara o que ao final da pesquisa se conclui. Ou seja, de que os cuidados alimentares são exigências compatíveis com determinados níveis de rendimentos econômicos. Pois, desde a antiga concepção de dieta, ela “designa uma parte da medicina reservada essencialmente às pessoas ricas ou abastadas, capazes de dedicar tempo e dinheiro à sua saúde”. Já “as pessoas menos afortunadas recorrem aos remédios e à cirurgia que, em menos tempo, restituem a saúde ou, na maioria dos casos, apressam a morte”⁴

⁴ FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.